

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

<p>PREÇO DAS ASSIGNATURAS EM AVEIRO— ANNO 50 (NUMEROS) 12000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS. FORA D'AVEIRO ANNO (5) NUMEROS 15125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS. BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL, 22000 RS.</p>	<p>PUBLICA-SE AOS DOMINGOS</p> <p>AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS</p>	<p>PREÇO DAS PUBLICAÇÕES NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS. NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS. NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL. REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.</p>
--	--	--

AVEIRO

UM INTERVALLO TRISTE

Mal previamos nós, na madrugada de 23 de dezembro, quando nos acolhiamos d'um frio intenso, com alguns amigos, n'um restaurante da rua da Prata, em Lisboa, á espera das resoluções do congresso, o combate terrível que n'esse momento se travava no cerebro d'um dos nossos companheiros de mesa, combate de que sahiria triunphante a loucura com todo o seu cortejo de magnas, com toda a sua corte d'afflicções e tristezas! Quem podera prevêr essa grande desgraça e n'um impulso de luz e n'um arranco de força injectar o calor e a vida n'aquelle moribundo espirito!

Emquanto no congresso republicano, que deveria ser de verdade, que deveria ser de justiça, que deveria ser a aurora da redempção para este povo faminto dos grandes principios da liberdade, se debatiam os mais miseráveis interesses, o mais ruím dos processos politicos e a mais hedionda das paixões dirigentes, cahia a dois passos ferido do maior infortunio humano a verdadeira victima das aspirações democraticas e por ventura da ingenuidade republicana. Quem sabe? O mais ingenuo, com a reputação do mais vil, com a fama do mais chicaneiro, do mais aventureiro e rabula n'esta tavolagem, já agora infame, já agora manchada d'um assassinato moral, o mais repugnante de todos, da politica republicana.

A loucura do sr. Carrilho Videira não é um facto isolado, um facto individual, sem consequências e sem importancia para que não mereça as atenções do paiz. E', antes, o facto sociologico de maior valor nos ultimos tempos. Porque é a pedra de toque da sinceridade d'uns homens que se arrogaram o privilegio da honestidade politica para serem os maiores bandidos da honra nacional. Porque é o diapasão da pureza do principios d'uns aventureiros sem nome, que, dizendo-se os representantes das reivindicações da plebe, são os mais refinados especuladores das crenças do povo.

Vendido ao governo! Qual de vós, novatos, como quem escreve estas linhas, nas luctas da recente democracia portugueza, não encontrou esse estigma infamante na frente d'aquelle desgraçado, ao transpôr os limiares d'esta enxovia immunda em que por desgraça nós todos entrámos para ver poluir o santo ideal da liberdade e da fraternidade? Vendido ao governo! Era o espectro agitado aos olhos dos novos para que se afastassem horrorizados do maldicto da rua do Arsenal, espectro em que todos acreditaram e que só á força de desenganos e de trações repetidas alguns repelliram mais tarde.

Que se rejubilem, que o pobre louco, encerrado n'um hospital, morrerá com as imprecações nas frias paredes do quarto que o detem. Soceguem a consciencia agitada, que aquella voz, pelo menos, está fechada, talvez para sempre, nas trevas profundas do pensamento humano.

Vendido ao governo! E eram a apregoa-lo os proprios que elle trouxera ao combate da vida! Era um Magalhães Lima, que elle acalentára e louvára como esperança! Era um Silva Graça, que elle educára politicamente! Era um Consiglieri, que elle iniciára nas ideias republicanas. Era um Cecilio de Souza, que elle ensinára! Era um Theophilo Braga, o ultimo dos caluniadores mas tambem o ultimo dos vis, de cujo nome elle fizera um idolo e da reputação um dever sacrosanto!

Quando o triste lhes perturbára os projectos damnados apunhalaram-n'o no coração e seguiram ávante.

Eis a grande nodoa no ultimo congresso republicano! Eis o signal d'alarme contra os dirigentes republicanos para todas as consciencias honestas d'este paiz! Em guarda contra essas bandidos, que não contentes de roubarem a honra dos homens são os assassinos da felicidade do lar conjugal.

Como as lagrimas d'um pae e d'uma santa mulher, viuva de todos os affectos e carinhos d'amor, não seriam um remorso eterno se houvesse consciencia n'aquelles miseráveis!

Vendido! E ao fim de doze annos de trabalho, tem por premio dos seus serviços monarchicos uma fallencia a declarar-se e o amor dos amigos, como unica recompensa, recompensa tristissima para elle e para nós, a sustentação e amparo-lo n'uma casa de saude.

Como o remorso seria tremendo se as feras tivessem consciencia humana!

Amigo e collega.

Delegado de *O Povo de Aveiro* ao congresso extraordinario do nosso partido, que se reuniu n'esta capital em os dias 18, 19, 20, 21 e 22 do mez corrente, venho em poucas palavras dar conta da minha missão.

Escusado é repetir aqui a moção do nosso bom amigo Manuel d'Arriaga, que é como que uma cadeia a prender os homens directores do partido, ligando todos os elementos, harmonizando todas as fracções, conciliando os espiritos mais intransigentes com os mais opportunistas.

Ao *Povo de Aveiro* cabe esta grande gloria, e deve a estas horas exultar de alegria por ver o seu plano seguido, regeitando-se accordos, ligas, pactos e colligações, fazendo-se treguas emquanto nos abrigarmos todos sob aquella bandeira de paz, que o congresso acclamou phreneticamente.

Além de muitas irregularidades e prepotencias praticadas por uma maioria inconsciente e con-

tra as quaes a minoria protestou energicamente, teve o relator da commissão dos pareceres desejos de pôr fóra do congresso o representante de *O Povo de Aveiro*, porque este jornal não thuribulava rolos de incenso aos dirigentes do partido; reconsiderou, naturalmente o sr. relator, que aqui para nós é de estofo miguelino, e no seu relatório original, quanto verbal, e sem nomear o *Povo*, mas descrevendo-o a ponto de todos lhe pôrem o dedo, deixem-me usar d'esta figura, dizia que á commissão de pareceres suggeriram duvidas na admissão de certos jornaes cujos ataques poderiam parecer suspeitos; e o sr. Jacintho Nunes, esse illustre chefe e commandante dos jacinthaceos cujas evoluções, marchas e contra-marchas sua ex.ª ordenava por meio de geitos, tregeitos e acenos, esse foi mais longe, afirmando que o *Povo de Aveiro* calunniando os homens do partido não tinha mais direitos a fazer-se n'aquelle reunião representativa que os Panurgios que obedeciam disciplinadamente aos olhares do republicano de Grandola.

Pela parte de *O Povo de Aveiro*, respondi ao sr. Jacintho Nunes lembrando aquelles bellos tempos em que sua ex.ª chefe da extrema esquerda do *Seculo*, escrevia tão formosos artigos no *Povo de Aveiro*, e tinha por você a consideração do primeiro jornalista do nosso partido, e até dizia, que em você havia a força, o calor, o entusiasmo e o vigor de Rochefort; isto era n'aquelle tempo, que não vae longe, em que o sr. Jacintho divergia em processos politicos do sr. Elias Garcia e censurava acremente este homem de sciencia. Pois foi só quando o *Povo* tomou a contaa as incoherencias do antigo radical e que ia aproximando o sr. Jacintho do sr. Elias que elle se estomagou e dando por paus e por pedras principiou a lançar suspeitas sobre o jornal de Aveiro.

E a este respeito tambem me referi ao sr. Consiglieri Pedroso.

A brilhante phalange dos 25, que se reunia no Pateo do Salema desde o dia 2 de agosto cumpriu o seu dever, salvando o partido de um desaire, e quem sabe mesmo se do seu esphacelamento.

Se em 12 dos apóstolos houve um traidor, não admira que entre os 25 do Pateo do Salema, houvesse um Judas

Tambem houve um, infelizmente; mas um só felizmente.

Cumpre-nos por ora apenas ensarilhar armas, mas tendo sempre sentinellas que nos dêem conta de qualquer surpresa ou movimento inesperados.

De v.,

Amigo e collega,
 Thomaz da Terra.

Lisboa, 24 de dezembro de 1887.

Pois é pena que o sr. relator nos tratasse com tanta paciencia e tanta tolerancia, e o sr. Jacintho Nunes com tanta deferencia, chamando-nos sómente calunniador.

Porque se nos tratasse d'outra maneira, era possivel que a paz dos deuses não fosse tão profunda e tão tranquillã.

O LYCEU

O *Campeão das Provincias* não publicou a consulta, escripta, dos illustres professores como lhe houveramos pedido. Mas referiu-se em largos termos ao debate que se levantou no seio do conselho escolar a proposito da representação da commissão José Estevão, e isso é quanto nos basta. Ainda bem, porque ha de ser o jornal dos chefes progressistas que ha de castigar o conselho escolar, que ha de anniquillar a auctoridade dos srs. professores do lyceu nacional e collocar a questão no seu verdadeiro pé.

Em primeiro logar o *Campeão* disse-nos, em 14 de dezembro, e confirmou-o em 21, que o corpo docente do lyceu fóra ouvido sobre o projecto em discussão e que se tinha pronunciado definitivamente a tal respeito. Não houve um unico professor, accrescentou o jornal da Vera Cruz, que se não manifestasse. Ora o *Correio d'Aveiro*, que é dirigido por um d'esses professores, contesta de certa fórma que houvesse tal consulta, que não passou d'uma mera conversa, limitando-se certos professores a dar um assentimento lacito que não exprime nada.

Portanto, das duas uma: ou o órgão progressista pretende illudir a verdade e então, não só se torna suspeito para a opinião publica, como perde grande parte da sua argumentação pela não existencia d'aquelle unanimidade do conselho escolar de que tanto se ufanava, ou o sr. Manuel Gonçalves de Figueiredo reconsiderou com outros seus collegas e n'esse caso razão tinhamos nós em affirmar que só pela surpresa seria levado por deante o projecto monstruoso. Qualquer dos casos é elemento importante para a questão que se debate.

Em segundo logar, o *Campeão* disse-nos por muitas vezes, nos mesmos dias 14 e 21 de dezembro, que o conselho do lyceu foi unanime em declarar que o edificio actual, ainda que de lá saíam as repartições districtaes, não pôde satisfazer a nenhuma das condições modernamente exigidas para um bom instituto d'instrução secundaria, sem que satisfizesse cabalmente ainda que o voltassem de baixo a cima. E no referido *Campeão* de 24 de dezembro entre os quesitos propostos ao conselho escolar pelo reitor encontra-se o seguinte:—No actual edificio, sabindo d'elle todas as outras repartições, e fazendo-se-lhe todas as modificações necessarias, pôde funcionar convenientemente o lyceu?—Pôde, respondeu o conselho por maioria.

Das duas uma: ou o órgão progressista continua conscientemente a illudir a verdade e então perde todo o caracter de imparcialidade e de respeito de que se quiz

revestir n'esta pendencia, e então o sr. Barbosa de Magalhães mangou com a commissão José Estevão quando lhe manifestou e affirmou as suas boas intenções, ou o conselho escolar, pensando hoje d'uma maneira e amanhã d'outra em assumptos de tal magnitude, perdeu a auctoridade e a seriedade para tudo. Não somos nós que o dizemos. E' o *Campeão das Provincias*, insuspeito. E' elle que o exautora e que o zurze, se está falando a verdade.

Em terceiro logar, e aqui vae a sentença de morte do conselho escolar com uma descomponenda formidavel, segundo o jornal da Vera Cruz o sr. Barbosa de Magalhães declarou-se sem a competencia tecnica indispensavel para discutir a representação da commissão José Estevão. Encontra-se isto a linhas 42 do artigo publicado, sob o titulo—Novo Edificio Districtal—no n.º 3:653 do *Campeão das Provincias* de 21 de dezembro de 1887! E isto diz tudo. Se o sr. Barbosa de Magalhães, talentoso como é, como professor do lyceu dos mais habilitados e capazes, se julga tecnicamente incompetente para se pronunciar sobre o importante assumpto a que se referia a commissão José Estevão, que competencia e auctoridade tem os seus collegas para discutir e resolver o que elle não sabia fazer? Como ousou o sr. Barbosa de Magalhães submeter ás deliberações do conselho escolar a representação a que nos vimos referindo, e como ousou o conselho deliberar? Cada um dos membros do conselho terá pessoalmente a capacidade artistica que o sr. Barbosa de Magalhães julga faltar-lhe, capacidade que somada dêsse a solução satisfactoria? Vae-se tornando risivel o assumpto.

Em quarto logar, se o conselho escolar não tem competencia para resolver o caso, na opinião sabia, insuspeita e auctorissadissima do sr. Barbosa de Magalhães, não a tem da mesma fórma o sr. inspector da circumscripção, o sr. governador civil e muito menos os chefes das repartições que funcionam no edificio do lyceu. E fingir acatar as resoluções d'esses poderes, não é mais que chicanar com o negocio e ludibriar, com apparencias de seriedade, a opinião publica.

A tal da consulta aos chefes das repartições é muito boa. Um intruso mette-se na casa que um sujeito mandou construir para sua residencia. A casa é bella, é esplendida. E vae d'ahi o proprietario, que anda mal accommodado, em logar de pôr o intruso no andar da rua pergunta-lhe com muito bons modos e de chapeu na mão se lá dentro elle está bem. Provavelmente está! A gente ri-se perante estas argucias da diplomacia official.

Em quinto e ultimo logar, o sr. director das obras publicas, o unico que deveria ter auctoridade para dar o seu voto na materia, não tem absolutamente nenhuma pelos desastres artisticos a que o

seu nome está ligado. Nós o provaremos.

E posto isto, o artigo farfalhante que o órgão progressista publicou no sabbado da ultima semana não tem o minimo valor, a não ser para reforçar a opinião dos que combatem o attentado da mudança do lyceu.

O sr. Barbosa de Magalhães, com a sua declaração d'incompetencia, levou um golpe decisivo ao coração do conselho escolar. Realmente é engraçado o que o *Campeão das Províncias* nos refere da ultima sessão do corpo docente do lyceu. A grande maioria d'este, escreve aquelle jornal, e especialmente os srs. reitor, Elias Fernandes Pereira e dr. Alvaro de Moura manifestaram-se no sentido de que as declamações sentimentaes da representação da comissão José Estevão não podiam determinar a resolução d'um problema *pratico e scientifico*, em que jogam os interesses do ensino, *as exigencias da arte e etc.* Pois não foi arrojado da parte dos illustres professores pronunciar-se d'essa fórma sobre um documento em que se vêem os nomes dos srs. João da Maia Romão, Manuel Homem de Carvalho Christo, Francisco Rodrigues da Graça, Pedro Antonio Marques e Antonio de Souza, que tem a sua reputação artistica ligada aos melhores edificios do districto? Pois não dá vontade de rir que o sr. padre José Candido se queira julgar com melhores habilitações e capacidade praticas, scientificas e artisticas para julgar das condições d'um edificio, que qualquer dos cavalheiros referidos? Declamações sentimentaes! Pois a comissão José Estevão, onde ha homens auctorisados para julgar do que diziam, não declarou que não via motivo de necessidade ou conveniencia para o absurdo projectado? Pois por ventura é admissivel a allegação de que, desde que se conserve o edificio, não ha desrespeito para a memoria de José Estevão em tirar de lá o lyceu? Seria o mesmo que distribuir o dinheiro que ahí ficou para dote de raparigas pobres em outras obras de caridade e responder depois—o dinheiro cá está! Seria o mesmo que converter em quartel o hospital conde Ferreira, que esse grande benemerito delineou, e responder em seguida—o edificio é este! José Estevão não destinou a lyceu o edificio do largo da cadeia! Quem se atreve a affirmar-lo? Não queiram os illustres professores que os desmintamos com alguma phrase d'aspeza. Para lyceu, e só para lyceu, é que José Estevão destinou aquelle edificio. Tirando-se de lá o lyceu, o edificio fica incontestavelmente, mas ninguem poderá dizer que se não desrespeitou a memoria d'aquelle grande aveirense. Fica o edificio, mas foram-se as tradições que é que lhe dão o caracter de monumento. Mas quebrou-se um elo da historia local. E não havendo motivos superiores para um attentado d'essa ordem, a monstruosidade é evidente e manifesta. Não cessaremos de o repetir.

Declamadores! Não. Declamadores são os illustres professores enquanto não rebaterem um a um os argumentos serios e attendiveis dos seus adversarios.

Incompetentes? Incompetentes são v. ex.^{as}, tenham paciencia, como o sr. Barbosa de Magalhães muito bem o confessou. Não nos move o menor espirito hostil contra o sr. Elias Pereira e contra o sr. dr. Alvaro de Moura. O primeiro temo-lo elogiado muita vez e o segundo nem a honra, sequer, temos de o conhecer. Mas quando vemos esses dois cavalheiros apregoar a incompetencia scientifica, pratica e artistica dos srs. João Romão, Manuel Christo e outros, e acceitarem o encargo de julgar o plano d'um novo edificio, não resistimos á tentação d'encolher os hombros perante a immodestia, a vaidade e o orgulho da pobre humanidade!

Não; tenham paciencia e ac-

ceitem a opinião auctorisadissima do sr. Barbosa de Magalhães. Os srs. tem muita capacidade, *mas cada um para aquillo que Deus lhe deu.* Os srs., além de muitas outras aptidões, tem a aptidão e a competencia de pedir para lyceu tantas salas e tantos gabinetes, de tantos metros de comprimento, tantos de largo e tantos d'alto quando muito. Depois veem os homens da sciencia, veem os artistas, e esses é que resolvem qual o melhor terreno, qual o melhor local, qual o melhor edificio e qual a melhor sala é a melhor maneira de a elevar, talhar ou construir. Se a *modestia* de v. ex.^{as} nos permite, esta é que é a opinião verdadeira e sensata.

Os srs. querem treze aposentos para lyceu? Vamos a vêr serenamente, que da discussão é que sahe a luz, se a exigencia não é demasiada. E sendo-o ou não sendo, vejamos primeiro se esses treze aposentos cabem no lyceu actual, sem se esmagar o edificio. E depois é que veremos, não só v. ex.^{as}, mas os homens d'arte, se o projecto do sr. Araujo é bom ou mau. Com a firme esperanza que nós temos, digamo-lo já, de que seja, pessimamente tudo que por desgraça o sr. director das obras publicas tem delineado, esse outro vanda-lo da pujança do sr. Manuel Firmino. Estavamos fugindo ha muito de dizer estas palavras, mas uma vez que nos impelliram a dizê-las, uma vez que os elogios do *Campeão das Províncias* nos vieram provocar, praticaremos outro dever patriótico, que é o de mostrar ao publico que o sr. Araujo tem estragado tudo, que não tem capacidade nem talento artistico, embora tenha habilitações e erudição e que a cidade não lhe deve senão maleficios e desastres, como o do quartel, para não irmos muito longe, que podendo ser um edificio modelo e honroso não é senão uma vergonha. Dever patriótico a que lançaremos os hombros com muita energia e clareza mal termine este debate do lyceu.

Mais um motivo para que a cidade se levante contra a mudança do lyceu. Porque se o mudam, creia que são duas desgraças. O novo edificio estragado e estragado o edificio actual.

Por hoje julgamos ter chegado a uma solução, talvez satisfactoria. Primeiro, porque continuamos a acreditar nos intuitos conciliadores dos poderes publicos.

Segundo, porque o corpo docente concordou que o lyceu pôde continuar no edificio actual.

Terceiro, porque são possiveis n'este as modificações reclamadas.

Quarto, porque os inspiradores do *Campeão das Províncias*, que tanto querem acatar as *estações competentes*, hão de, por coherencia e bom principio, acatar a *estação* mais competente de todas, a que tudo determina, legisla e resolve, a opinião publica.

Continuaremos no domingo.

QUESTÕES MILITARES

Respondemos no n.º 303 d'este jornal á ultima allegação do *Diario Popular*. Tinhamos dicto que a proporção da cavallaria para a infantaria nunca devia ser superior a 1 para 10 e que se o era no nosso paiz poderiamos d'ahi concluir que tinhamos cavallaria de mais. Argumentavamos, está claro, com os effectivos de paz, os unicos que tinhamos tomado para o termo de comparação nos varios exercitos da Europa. Mas o *Diario Popular*, fingindo encontrar-nos em ignorancia, bateu palmas pela supposta victoria que imaginou, por isso que, no seu dizer, a proporção da cavallaria para a infantaria em Portugal não era de 1 para 10 nem de 1 para menos de 10 mas de 1 para 15. Fumos de gloria que se esvairam como todos

os outros a um simples raciocinio d'exactidão e verdade! Visto que, como provamos no nosso ultimo artigo, os effectivos de paz subordinados á ordem do exercito n.º 20 de 31 d'outubro de 1884, a mesma que o antagonista citou, dependendo dos ogramentos, foram fixados pela ultima determinação tomada n'esse sentido em 5:480 praças de pret para a cavallaria e 24:984 para a infantaria, ou **1 cavalleiro para 5 infantes**, partindo do maximo numero de soldados distribuidos a um regimento de cada uma das armas referidas. Se partirmos da média ou do numero minimo iremos ter a uma conclusão equivalente senão mais prejudicial ainda para a cavallaria.

Já vê o articulista do *Diario Popular* que não nos custava nada provar, sob o ponto de vista da proporção numerica, que tinhamos cavallaria de mais, como nem nos custou nem custa nada prova-lo, já estrategica e tacticamente, na generalidade, e os artigos anteriores de sobejo o mostraram, já pelas condições especiaes do nosso paiz, que sendo um paiz montanhoso não pôde admittir a proporção dos paizes centraes. Ora se na França, Alemanha, Austria e Italia a proporção média é de 1 para 10, a primeira com 4:501 kilometros de fronteira terrestre, a segunda com 3:638,8, a terceira com 4:833 e a quarta com 1:022,7, como se pôde admittir que em Portugal seja de 1 para 5? Ainda que em Portugal a proporção fosse de 1 para 20 seria prejudicial ás condições defensivas do paiz, sem duvida dos mais accidentados da Europa e com a maior parte da sua fronteira terrestre, no Minho, em Traz-os-Montes, na Beira e ainda em pontos do Alemtejo e Algarve coberta d'obstaculos naturaes? Não. Ao contrario; talvez fosse essa a proporção natural e a proporção regular. E se procuramos evitar o debate n'este terreno, se abrimos a porta ao adversario para que soubesse fugir dos escolhos onde iria bater, foi para que ninguem na cavallaria nos accusasse d'espirito hostil e animadversão. Como sempre dissemos, a cavallaria merece-nos toda a estima e a maior deferencia. Se tinhamos de repellar as injustiças d'um desconhecido que falava em seu nome, não queriamos melindrar-lhe as suas susceptibilidades. E por isso tendo affirmado que tinhamos cavallaria de mais, lembramos depois ao antagonista a conveniencia de se abandonar esse ponto, que tocava pelos melindres de muitos. Não quiz. Insistiu. Sobre elle recaiam as responsabilidades.

Sim, temos cavallaria de mais, por qualquer lado que se encare a questão, com enorme gravame das forças monetarias do paiz. Assim, a Inglaterra, paiz rico, com enormes interesses aliaz a defender e sempre ameaçada de conflictos armados, tem apenas (4) 41:600 homens no effectivo total da sua cavallaria para 33.450:237 habitantes. Portugal, para 4.500:000 habitantes, tomada a aproximação, tem 5:000 homens, numeros redondos, de cavallaria.

A Austria-Hungria, outro paiz que se pôde dizer em guerra permanente e que por conseguinte necessita dos sacrificios que se não podem exigir entre nós, tem 42:271 homens de cavallaria para 37.700:000 habitantes. Portugal tem 5:000 para quatro milhões!

A Belgica, para 5.336:634 habitantes tem 3:480 homens de cavallaria. Portugal tem mais para menos habitantes!

A Hespanha, para 16.835:506 habitantes tem 16:000 pouco mais ou menos, porque este numero depende, como entre nós, das exigencias do orçamento.

Os Estados Unidos, para mais de 50 milhões de habitantes, tem

(4) *Bulletin de La Réunion des officiers ou—Notes sur les cavaleries étrangères.*

8:600 soldados de cavallaria. E a Italia 23:804 para 27.482:174 almas.

Se considerarmos em separado o quadro dos officiaes, cuja supposta deficiencia ou estacionamento foi o motivo unico dos artigos do *Diario Popular*, quadro que o jornal do sr. ministro da fazenda quer protegido e desenvolvido, veremos que, relativamente, em poucos paizes da Europa é tão grande e tão favorecido como em Portugal. Por exemplo:

Na Alemanha, nação militar por excellencia, ha 2:358 officiaes de cavallaria para 64:699 praças de pret, ou 1 official para 27 homens (4). Em Portugal ha 266 officiaes para 5:000 praças de pret aproximadamente (quanto menos forem melhor para a nossa these), ou 1 official para 18 homens! Na Austria 1:770 para 42:271 ou 1 para mais de 23,5. Na Hollanda 130 para 3:991 ou 1 para perto de 30. Na Italia 990 arregimentados, supponhamos 1:000, para 23:804, ou 1 para mais de 23,5. E assim successivamente. O que fez com que Simouneau dissesse relativamente á França estas palavras que bem se poderiam, em parte, applicar a Portugal: «D'onde se vê immediatamente que se certas potencias tem augmentado até ao exaggero o numero relativo dos seus officiaes de cavallaria, outras, pelo contrario, tem restringido esse numero tanto quanto possível. Nem todos julgam, pois, como a França, que a cavallaria tem necessidade incontestavel de ser guiada e commandada por um grande numero de officiaes. Onde esse facto é mais saliente é na Austria-Hungria e Alemanha. Não só n'esses paizes o numero relativo dos officiaes de cavallaria é quasi tres vezes menor que na França, como, até, mais reduzido que na infantaria correspondente dos dois povos. E entretanto é notoria a reputação d'essas duas cavallarias pela sua solidez e apparencia.»

Emfim, se nos lembrarmos de que Portugal gasta mais com soldados e conservação das tropas do que a Dinamarca, a Inglaterra, a Austria, a Alemanha, a Russia, a Hollanda, a Suecia, a Noruega e a Suissa; de que os officiaes portuguezes, não obstante a longa paz em que temos vivido, não tem uma morosidade de promoção que os distanceie de fórma muito attendivel dos melhores exercitos europeus; que são dos officiaes mais bem pagos da Europa, nenhum d'elles e de nenhuma arma tem razão de queixa ou motivo para lamentações pesadas, principalmente os de cavallaria que foram sempre os mais protegidos e beneficiados n'esta terra.

Julgamos ter respondido, um por um, a todos os argumentos do *Diario Popular*. No domingo os recapitularemos para acabarmos decididamente com isto.

Carta de Lisboa

30 de Dezembro.

Pouco me demorei hoje na minha correspondencia, não por falta d'assumpto mas por falta de vagar.

Uma das noticias de mais sensação d'esta semana é a tentativa de suicidio por parte do sr. Carrilho Videira, conhecido no mundo da politica e das letras, e a loucura que o accommetteu.

Na madrugada de sexta-feira esteve o sr. Carrilho Videira conversando largamente com alguns amigos, entre os quaes se conta-

(4) Simouneau, no seu livro *Les Effectifs, Les Cadres et les Budgets des Armées Europeennes*, referido a 1874, dá na Alemanha um official para 33,75 praças de pret e em Portugal 1 para 20,10. As circumstancias que se succederam nos ultimos 12 annos alteraram essa estatistica. Em todo o caso, qualquer d'ellas serve esplendidamente para o fim que nos propomos.

va o auctor d'estas linhas, sem dar o minimo signal de loucura. A's quatro horas despedi-me d'elle. A's oito escrevia sua esposa a varios amigos do marido reclamando-lhe auxilio em virtude do estado pouco regular em que encontrava este. Entretanto, o sr. Carrilho Videira conservou-se, ainda que n'um estado que dava logar a desconfianças, relativamente bom durante todo o dia. A's oito da noite, porém, n'um accesso violento precipitou-se para a janella e estaria sem vida a estas horas, se aos gritos da familia, que o segurava com o corpo já inclinado para a rua, não acudissem dois policiaes que com grande difficuldade o recolheram para dentro. A loucura tinha-se declarado furiosa e completa.

Pouco depois entrava eu com o sr. Xavier da Silva e dr. Cupertino Ribeiro, os primeiros que presenciamos o tristissimo espectáculo. Embora conhecendo-nos, o sr. Carrilho Videira estava doido varrido.

São conhecidas as causas d'esta infelicidade. Ha muitos annos que o sr. Carrilho Videira era perseguido atrozmente pelos dirigentes republicanos e a competente sucia, consciente e inconsciente, que os acompanha. Calumniado, ferido na sua honra, nem os interesses materiaes ao menos lhe poupavam, retirando-lhe as assignaturas das obras que publicava, porque o sr. Carrilho era livreiro editor, comprometendo-lhe o credito, e chegando os diarios republicanos, inclusivamente, a não lhe querer publicar, por dinheiro nenhum, os annuncios das suas publicações. Uma perseguição infame, verdadeiramente miguelina ou jesuitica. E porque? Porque o sr. Carrilho Videira discordava da conducta dos dirigentes do partido e os censurava na imprensa ha muitos annos. Nada mais. Isso simplesmente!

Como o sr. Carrilho Videira se recusára sempre a lançar mão de meios violentos para castigar os seus calumniadores, a malandragem creou animo e audacia e por toda a parte o investia. Foi assim que accusando-o de vendido ao governo e espião da monarchia, com o mesmo fundamento com que accusava os outros todos, chegou a expulsá-lo do primeiro centro republicano de Lisboa, ha dez annos, e fundando-se na acta lavrada por essa occasião, acta que não significava senão uma arbitrariedade infame, pretendia agora da mesma fórma expulsá-lo do congresso. A expulsão não chegou a ser votada, porque não chegou a ser posta á discussão, discussão esperada impacientemente pelo sr. Videira para se defender com documentos importantes. O desgosto de perder o momento de confundir os seus calumniadores, depois de dez annos de perseguições e d'infamias, abalou de tal fórma aquelle cerebro que o levou a perder a razão. Ninguem o lamenta mais do que eu. Ninguem sente tanto que o sr. Carrilho Videira em lugar de enlouquecer não mettesse uma bala na cabeça de qualquer dos bandidos que lhe minavam a reputação!

O *Seculo*, essa latrina dos miseraveis, insinuava um dia d'estes que o sr. Carrilho Videira enlouquecera em virtude de difficuldades monetarias. O sr. Teixeira Bastos escreveu-lhe a rectificar essa torpe insinuação. Mas o *Seculo* não quiz publicar a carta!

E' certo que o sr. Carrilho Videira lutava ha muitos annos com difficuldades economicas, boa prova de que estava vendido ao governo, mas podemos affiançar que nunca essa circumstancia lhe perturbou o espirito. E a prova de que não é esse o motivo da sua loucura, é que enquanto delira a todos os instantes sobre o congresso republicano e os individuos conhecidos do partido, ainda se lhe não ouviu uma unica palavra sobre a sua vida economica.

La mento não ter hoje tempo para me deter devidamente no assumpto. Na proxima carta o farei, dando a ler aos leitores mais uma pagina horrivel do livro negro do partido republicano portuguez. Mas julgo que já o que ahí fica é bastante para que toda a gente de consciencia e de brios affaste os olhos com nojo dos chamados directores da democracia nacional. Um vomito, aquillo!

Carta da Bairrada

Dezembro, 31.

O anno de 1887 despede-se, borrascoso e frio, como um velho de poucos amigos. Não lhe daremos hossanas á despedida, nem tão pouco o cobriremos de motejos. Elle foi, na sua rapida passagem pelas scenas da vida, um velho companheiro que não nos tirou illusões, mas que também não nos deu dissabores nem contrariedades insuperaveis. Na labutação vinicola dentro da zona que habitámos, elle, o velho extincto, não fez senão tornar mais palpavel, mais frisante, o quadro triste que tantas vezes temos esboçado: o quadro da devastação phyloxérica. Não nos deu novidade, nem nos apavorou. Simplesmente nos deu razão para mais alto bradarmos aos senhores vicultores da Bairrada, que não se deixem adornar diante do fogo que tão ateado lhes anda em redor...

E não foi um mau anno, afinal, este pobre velho, para os interesses vinícolas da Bairrada, porque, apesar das enormes manchas phyloxéricas, as adegas do pequeno e do grande lavrador ainda tiveram um razoavel provimento de vinho, que tem sido procurado e vae sendo vendido por um preço relativamente remunerador.

Vinho vendido a 24\$000 réis, 25\$000, 26\$000 e 27\$000 a pipa de 560 litros, compensa, ainda n'estes lanes de crise, os trabalhos e os cuidados do vicultor...

E por muito felizes nos damos, na humilde faina da nossa profissão de agricultor, que o anno de 1887 não nos envolvesse em preocupações d'outra ordem. Ainda bem que não tivemos de sahir do nosso tugúrio para assistir ás controversias de antigos e novos correligionarios, para os quaes a lucta pelo ideal que abraçamos offerece tão diferentes processos d'acção, que chegamos ás vezes a duvidar se são elles os opportunistas, ou se somos nós os descrentes, se são elles os inspirados ou nós os inadvertidos...

Ao vêr descançar em paz o velho anno, cumpre-nos, pois, saudar o anno de 1888, na doce esperanza de que elle traga bons dias de sol creador para as nossas colheitas e dos nossos vizinhos, e novos e vigorosos alentos para o nosso espirito, dando-nos saude e forças para encararmos com serenidade e desassombro os homens e as coisas que o novo anno tiver de chamar a contas nas paginas da historia e na successão dos acontecimentos marcados pela inexoravel ampulheta do tempo.

Os Amores do Assassino

NOTICIARIO

O «Povo de Aveiro» vende-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 96.

EXPEDIENTE

Esta semana enviamos recibos para as seguintes localidades:

Setubal, Santarem, Sever do

Vouga, Soure, Torres Novas, Vagos e Villa da Feira.

Esperamos que os cavalheiros a quem elles dizem respeito os satisficam, logo que lhes sejam apresentados pelos respectivos empregados do correio.

Rogamos aos srs. assignantes das localidades abaixo mencionadas o obsequio de solverem os seus debitos á administração d'este jornal por o meio que lhes convenha melhor:

Arada, Arruda das Vinhas, Costa de Vallade, Esgueira e Silveiro.

Tem experimentado ultimamente sensiveis melhoras o nosso amigo o sr. Fernando Christo. Após uma permanencia no leito de cerca de dois mezes, motivada pelo desastre de que foi victima, já alguns dias que se levanta, sahindo á rua pela primeira vez na ultima segunda-feira.

Esperamos vê-lo dentro em pouco tempo completamente restabelecido, o que sinceramente estimamos.

Realizou-se na penultima quinta-feira, em Chaves, o casamento do nosso amigo sr. Annibal de Souza Pinto de Barros com sua prima ex.ª sr.ª D. Maria de Souza Pinto de Barros. Foram padrinhos, por parte do noivo, os srs. Antonio Ferreira de Carvalho e Antonio Carneiro; e, por parte da noiva, o sr. André da Cunha e a ex.ª sr.ª D. Fausta Augusta de Barros.

Enviamos aos noivos o nosso parabem e desejamos-lhes um futuro cheio de felicidades e das maiores venturas.

Tomou na quinta-feira posse da obra do quartel de Sá o conselho administrativo de cavallaria 10, juntamente com o engenheiro-inspector da divisão, o sr. Gouveia Osorio, que para esse fim veio a esta cidade, ficando encarregado da direcção technica da obra o sr. Cerveira, official de engenharia.

E' de crêr que as obras do novo quartel tomem agora grande incremento, visto serem feitas pelo governo, e que o regimento possa alojar-se alli dentro d'um praso de tempo não muito longo.

Casou civilmente em Portalegre o sr. José Maria Mendes com a sr.ª Maria Gertrudes, ambos empregados n'uma fabrica de rolhas. E' o primeiro casamento civil que se faz n'aquella cidade.

Consta que o estado de saude do sr. D. Luiz é pouco lisongeiro, apesar das noticias espalhadas em Lisboa em sentido favoravel.

Deu-se no ultimo domingo um tristissimo acontecimento no sitio denominado Olho d'Água, a pequena distancia de Esgueira. Uma carroça alemtejana que por alli passava atropellou uma creança de 3 annos de idade, que ia a atravessar a estrada, dando-lhe morte instantanea. Uma das rodas do vehiculo passou por sobre a infeliz, deixando-a n'um estado horrivel!

Pobre creança!
O dono da carroça, a quem em parte parece dever-se o desastre, foi preso e recolhido á cadeia de Aveiro.

A folha official publicou o contracto celebrado entre o governo e o Banco de Portugal para a constituição do Banco Emissor, que deverá entrar em actividade de hoje em diante.

O novo Banco organizará no praso de quarenta annos caixas filiaes ou agencias em todas as capitães dos districtos administrativos do continente e ilhas adjacentes; e, com approvação do governo, poderá ter caixas filiaes, agencias ou correspondencias em

outras localidades do reino onde a sua utilidade fôr reconhecida. Se faltar áquelle praso, o Banco pagará multas de 1:000\$000 réis por cada tres mezes de mora.

Poderá também ter correspondencias em paiz estrangeiro, onde julgar conveniente, e delegações dos escriptorios da sede no municipio de Lisboa. A duração do Banco é de quarenta annos.

O capital social é de réis 13.500:000\$000, effectivamente emitido e pago, dividido em cento e trinta e cinco acções de réis 100\$000 cada uma.

Logo que a circulação de notas tenha attingido 25.000:000\$000 réis e em qualquer periodo da sua duração, o Banco poderá ser obrigado, em virtude de uma lei, a augmentar o seu capital social.

As notas são de ouro e de prata, as primeiras de 5\$000 réis, 10\$000, 20\$000, 50\$000 e 100\$000, e as segundas de 2\$500 e 5\$000 réis.

Consta a um collega que nas obras do quartel de Sá se perpetrrou um grande roubo em madeira, ferramentas e outros objectos, na vespera de serem aquellas obras entregues á administração militar.

Quem seriam os larapios?...

Um medico nosso amigo, dizem *Las Dominicales del libro pensamiento*, foi visitar uma parturiente em estado grave. Vê em cima de algumas mesas alguns santos allumiados por velas.

—Ou estes senhores, ou eu disse elle apontando para os santos.

E como não queriam retirá-los, retirou-se muito tranquillamente para casa.

A paciente, entretanto, continúa presa de dores horriveis, os santos não a ajudam.

A's duas horas da noite apparecem em casa do medico, de parte da familia da enferma, a dizer-lhe que já tiraram os santos de cima das mesas, e que vá pelo amor de Deus.

Vae com effeito; examina a enferma; pergunta-lhe se acredita que a cura é feita por elle e não pelos santos e recebida resposta affirmativa, dá-lhe o remedio proprio, auxilia a natureza, e dentro em meia hora tudo se fez ás mil maravilhas.

—Ha quanto tempo tinha a senhora as luzes accezas aos santos? perguntou á paciente o nosso amigo.

—Ha vinte e tantas horas.

—Pois bem, responde o doutor, já a senhora vê que eu tenho mais poder do que elles, pois que em meia hora fiz mais do que elles em mais de vinte.

Uma bella lição do livre pensamento, e que tem a vantagem de ser veridica.

Na administração do bairro oriental do Porto foi ha dias registrada civilmente uma creança do sexo feminino, filha de Arnaldo José da Silva e sua mulher Carolina Rosa de Jesus.

Morreu ha dias em Celorico de Basto uma mulher que tinha mandado fazer o seu caixão e habito, ha mais de 20 annos.

Quando tinha cerca de 50 annos preparou-se para a eterna viagem e todos os annos, mais de uma vez, experimentava, vestindo o habito e estendendo-se na tumba, se era preciso modificar alguma cousa.

O caixão conservou-o sempre debaixo da cama em que dormia. Como esta ha de haver poucas ou nenhuma!

Jornaes catholicos ufanam-se por verem o chefe supremo da egreja romana apresentado por todos os principes, incluindo os protestantes, turcos e asiaticos.

Em troca d'estes presentes, que lhes offerece o papa?

—O inferno.

Como infelizes deve n ir viver eternamente entre as chammas.

Entretanto, apesar de sua pro- veniencia condemnada, o papa continúa a receber os seus presentes.

E' caso de dizer que a logica e o catholicismo anda ás turras.

Escreve a *Gazeta de Portugal* com muita razão:

«Diz-se que será organisa-la, no ministerio do reino, uma comissão de beneficencia!

Para que, se tantas commissões que temos por ahí, já organisadas e promptas, nada fazem, nem nada farão pelos pobres?

Não se póde passar pelas ruas da capital, sem que um sujeito não seja assaltado por um troço de mendigos, entre mulheres e creanças. Uma vergonha!

Não ha muito, organisonou-se na camara municipal de Lisboa uma comissão de beneficencia. O que fez ella? Nada, absolutamente nada! Para que um desgraçado obtenha d'ella auxilio, é preciso... metter empenhos!

A mendicancia nas ruas vae n'um crescendo pasmoso!

No nosso paiz, é o que se vê. Uma mania, com tendencias epidemicas, pelas commissões. Para qualquer coisa, arranjam-se logo commissões, que nunca conseguem attingir o fim que se propozeram.

Para que diabo querem mais uma comissão de beneficencia, se aquellas que já temos nada fazem?

Ora, deixem-se d'isso.»

Quando Victor Hugo sahia, expulso, de Jersey, Carlos Aspiet pediu-lhe um objecto qualquer como recordação.

—Que deseja? — perguntou o grande poeta.

—Uma penna sua, e a lanterna...

Victor Hugo costumava passear de noite pelas penedias da costa, levando uma lanterna pendurada n'um pau ferrado.

Mandando a lanterna e a penna, Victor Hugo escreveu esta carta:

«Ao abandonar Jersey, brindo Carlos Aspiet com a lanterna com que me allumiava durante as minhas excursões, e com a penna com que deligencieei allumiar os outros.»

Durante o periodo de 50 annos houve na Europa mais de 503 explosões de minas, que causaram a morte a 5:000 operarios. Em Oshe (Soshshire), houve uma explosão, em 1886, que causou a morte a 361 operarios. Em Plamen (Saxe), em 1867, houve outra que causou 326 mortes. Em Burg (Saxe), em 1869, houve uma de 276 mortes. Em Hartey, em 1862, uma de 204 mortes, etc.

Em Alquedão, concelho da Figueira, um homem chamado Joaquim da Costa, na vigorosa idade de 35 annos e rico, pretendia morrer de fome. Ha mais d'um mez que está de cama, e diz que só sahirá d'alli para o tumulo.

Durante este praso não tem tomado alimento nenhum, apesar das supplicas de seus parentes e amigos.

Não se póde explicar a razão de tão monstroza deliberação. Coitado, é um pobre louco.

O celebre electricista americano Edison acaba de fazer o maravilhoso invento de um novo phonographo, movido automaticamente por meio de um pequeno motor electrico.

Supponhamos, por exemplo, que uma pessoa deseja escrever uma carta por meio d'este aparelho: Basta attrahir a si a embocadura, exercer pressão n'um botão e dictar com voz clara. Quando tem acabado exerce pressão n'um botão, afim de interceptar o circulo e retira uma pequena folha de papel, que envia pelo correio ao destinatario. Quando este receber a carta, colloca a folha de papel n'um phonographo

in'entico áquelle, o qual sendo posto em movimento, repete o con teúdo da carta, em voz duplamente e mais elevada e clara que a do proprio expeditor.

E' maravilhoso!

O doctor Pjatuizhy apresentou á Associação dos Medicos Militares de Moscow um soldado, que tem na parte inferior da columna vertebral uma cauda de 25 centimetros de comprimento.

Apesar dos rogos dos medicos o soldado recusa tenazmente deixar cortar esse estranho appendice.

Os Amores do Assassino

CREADA

HA uma rapariga de 18 annos de idade, natural d'esta cidade, que deseja ir servir para o Porto ou Lisboa, como criada de dentro.

Para informações, carta a esta redacção com as iniciaes L. R. C.

AGRADECIMENTO

João Francisco Leitão, e Manuel Francisco Leitão, penhorados em extremo pelas demonstrações de amizade que receberam de muitas pessoas d'esta cidade, por occasião da doença e fallecimento de seu extremoso pae, aproveitam este meio, por não lhes ser possivel fazel-o pessoalmente, para protestarem aos que tanto os obsequiaram, a sua indelevel gratidão.

Aveiro 15 de dezembro de 1887.

ATTENÇÃO

ANTONIO Baptista Lobo, capitão de cavallaria 10, com pratica de ensino nas disciplinas de arithmetica e geometria plana, propõe-se a ensinar estas materias n'esta cidade. Quem pretender os seus serviços, póde dirigir-se-lhe todos os dias, das 10 horas da manhã até á 1 da tarde, no quartel de cavallaria.

VENDA DE TERRENO

VENDE-SE a parte do terreno expropriado que pertenceu ao Hotel Cysne do Vouga, na rua da Alfandega.

Quem o pretender póde dirigir-se a esta redacção, onde se darão esclarecimentos.

BIBLIOGRAPHIA

Historia da Revolução Portuguesa de 1820.—Com a costumada regularidade, que muito recommenda os editores d'aquella obra, sahio o fasciculo n.º 20, 9.º do volume II.

Chamamos a attenção para o respectivo annuncio.

Mundo Elegante.—Publicou-se o n.º 52 d'este magnifico jornal de modas, elegancia e bom tom, dedicado ás senhoras portuguezas e brasileiras.

No seu programma para este anno, em que realisará importantes melhoramentos, o *Mundo Elegante* annuncia que vae expôr o magnifico brinde ás suas assignantes e que deverá ser distribuido por sorteio.

Entre os valiosos brindes que offerece a quem angariar um certo numero de assignaturas annuaes realisaveis, nota-se um relógio de ouro, um alfinete com um brilhante, serviços de mesa e de toucador, pulseiras, meias de seda, alcatifas, luvas, chapéus, leques, perfumarias, etc., etc.

As doidas em Paris. — Da acreditada empresa editora Belem & C.^a recebemos a caderneta n.º 7 da segunda edição das *Doidas em Paris*, um dos romances mais notáveis de Xavier de Montepin. E' illustrado com primorosas gravuras e chromos a finissimas cores.

A Martyr. — Recebemos o fasciculo 51 d'este interessante romance de Emile Richebourg, traduzido pelo sr. Julio de Magalhães e editado pela empresa dos Serões Romanticos. Assigna-se em Lisboa na rua da Cruz de Pau, 26.

A Illustração Portugueza. — Recebemos o n.º 23 do quarto anno d'esta revista litteraria e artistica, que continúa a ter a melhor acceitação da parte do publico.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

ANNUNCIOS

Venda de casa

VENDE-SE uma nova, alta, com quintal e poço, e construida de pedra, que faz frente para a rua da Sé e frente para a rua da Cadeia e tem sahida para a rua do Roxo.

Quem a pretender falle na mesma com o dono **Francisco Augusto Duarte.**

ANGELO DA ROSA LIMA
COM
OFFICINA E DEPOSITO DE NOVEIS

Aveiro, Rua dos Mercadores, n.º 42, 44, 46, 50 e 52

TEM grande sortido de moveis, laes como: commo-das, meias commo-das, cadeiras de diferentes feitios, mezas de gostos diferentes, camas, lavatorios, toucadores, caixas de cabeceira, cabides etc., etc.

Tem tambem espelhos de crystal em diferentes tamanhos, assim como galerias, epaléres e grande sortido de molduras de diferentes larguras em dourado e preto, o que tudo vende por um preço convidativo e sem competidor n'esta cidade.

TORNO DE RODA DE BALANÇO

VENDE-SE um com cabeçotes de ferro, que póde torrear com 44 centímetros de diametro madeira, ferro e pedra. Acha-se em muito bom estado.

N'esta redacção se diz.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorizada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetito, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Os Amores do Assassino



Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorizado pelo governo, e approvedo pela junta consultiva de saude publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetito, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescência de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente lunch para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envoltorios das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro napharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Os Amores do Assassino



AGENCIA ECONOMICA, MARITIMA E COMMERCIAL

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA

PARA: MARANHÃO, CEARÁ E MANAUS

PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, SANTOS E RIO GRANDE DO SUL

Preços sem competencia

Passagens de 3.ª classe a 25\$000 réis

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, trata-se unicamente em Aveiro, rua dos Mercadores, 49 a 23, com o correspondente

Manuel José Soares dos Reis.

ATTENÇÃO. — O annunciante encarega-se da liquidação de heranças e quaesquer outros negocios em todo o imperio do Brazil, mediante modica commissão.



Na rua dos Mercadores, n.º 49 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas.

Trabalhos perfeitos e preços baratissimos.

JOÃO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

—AVEIRO—

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systems, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

3\$200 RÉIS

UMA NOVA INVENÇÃO!!

Ainda nenhuma foi tão admirada no mundo como a machina de coser **FLORA**, construida por o grande mechanico Frank, e propria para coser todas as fazendas

MACHINA DE COSER UNIVERSAL FLORA

que faz excellentes serviços em todas as obras de agulha. Cose todas as fazendas sem differença; construcção duradoura de aço e de ferro; manobra simples e facil. Expede-se completamente prompta para trabalhar. Reparações não necessarias.

Preço de cada machina completa 3\$200 RÉIS

Esta machina é construida de maneira que a agulha não póde quebrar-se durante o trabalho. Toda a gente póde comprar esta estupenda machina de coser, universal, sem prejuizo, porque immediatamente se restitue a importancia, se a machina não trabalhar.

Todas as encomendas devem ser dirigidas, acompanhadas do pagamento adiantado de 3\$200 réis por meio do vale do correio, ao unico depositario das machinas de coser **FLORA**

M. RUNDBAKIN

TABORSTRASSE, 28. — VIENNA DE AUSTRIA

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene, da corte do Rio de Janeiro, ensaiado e approvedo nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Publicações

NOVA LEI

DO RECRUTAMENTO

Approvada por carta de lei de 12 de setembro de 1887

Precedida do importantissimo parecer da camara dos srs. deputados

Preço, 60 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas á livraria CRUZ COUTINHO, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

Edição monumental

HISTORIA

DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha

4 VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

Tem sido distribuidos com a maxima regularidade 19 fasciculos d'esta obra e o 1.º BRINDE, trabalho de alto valor artistico que mereceu os maiores elogios dos competentes.

Já está concluido o primeiro volume.

As capas para a encadernação são feitas expressamente para esta edição.

A capa em separado custa 500 réis.

Para os assignantes que preferirem receber a obra aos fasciculos, continúa aberta a assignatura.

LOPES & C.^a successores de CLAVEL & C.^a

EDITORES

Porto — 119, Rua do Almada, 123 — Porto

GUIA DE CONVERSAÇÃO

EM

PORTUGUEZ E ALLIÃO

POR

D. M. RAMSEY JOHNSTON

1 vol. cart., 240 réis

PELO correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas á livraria CRUZ COUTINHO, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

A MARTYR

POR

EMILE RICHEBOURG

Edição illustrada com magnificas gravuras francezas e com excellentes chromos.

VERSÃO DE JULIO DE MAGALHÃES

10 RÉIS CADA FOLHA, GRAVURA OU CHROMO. — 50 réis cada semana. — DOIS BRINDES A CADA ASSIGNANTE.

A sorte pela loteria — 100\$000 réis em 3 premios para o que receberão os srs. assignantes em tempo opportuno uma caudella com 5 numeros.

No fim da obra — Um bonito album com dois grandiosos panoramas de Lisboa, sendo um, desde a estação do caminho de ferro do norte até á barra (19 kilometros de distancia) e outro é tirado de S. Pedro d'Alcantara, que abrange a distancia desde a Penitenciaria e Avenida até á margem sul do Tejo.

Assigna-se no escriptorio da empresa editora Belem & C.^a, rua da Cruz de Pau, 26, 1.º—Lisboa.

EDITORES — BELEM & C.^a

26, Rua do Marechal Saldanha (Cruz de Pau), 26—Lisboa

AS

DOIDAS EM PARIZ

UM DOS MELHORES ROMANCES DE XAVIER DE MONTEPIN

VERSÃO DE

JULIO DE MAGALHÃES

4 folhas de 8 paginas e uma estampa por semana, 50 réis

ESTE notavel romance de Xavier de Montepin não é uma simples obra de phantasia; o seu entredo é formado por factos, que a cada passo se estão dando na vida pratica, e denuncia muitos crimes que ficam impunes na maioria dos casos, e que são commettidos á sombra de certos privilegios conferidos pela posição social. Apontar com exemplos frisantes á vigilancia e vindicta da lei alguns abusos, que aliás são frequentes nas diferentes posições sociaes, desvendando os mysteriosos horrores da corrupção, e procurando excitar a attenção d'aquelles que possuem por qualquer forma concorrer para que fique frustrado o intuito de tão torpes como interesseiras machinações, tal foi o fim do auctor.

E' pois este um verdadeiro livro de combate, ao mesmo tempo que constitue uma leitura muito agradável pela animação dos dialogos, pela exactidão das descrições e pelo interesse sempre crescente das suas peripecias.

Tendo-se esgotado a primeira edição d'este romance, a empresa, attendendo a que deixou de satisfazer algumas requisições e tambem para annuir aos desejos de muitos dos seus assignantes modernos, resolveu publicar uma nova edição, correcta e augmentada com magnificas gravuras, que comprou ao editor do romance original.

Brinde a todos os assignantes no fim da obra

Um album do Minho

Contendo as principaes vistas de Vianna do Castello, Braga, Guimarães, Ponte de Lima, Ponte da Barca, Villa do Conde, Caldas de Vizella, Barcellos e Povoia de Varzim.

A empresa pede aos seus estimaveis assignantes toda a sua attenção para este valioso brinde, e promette continuar a offerecer-lhes em cada obra outros albums, proporcionando-lhes assim uma collecção equal e escrupulosamente disposta das vistas mais notáveis de Portugal. Os albums de Lisboa, Porto, Cintra e Belem estão publicados.

TABELLA DOS EMOLUMENTOS

A cobrar nas secretarias das corporações e tribunaes administrativos, approveda por carta de lei de 23 de agosto de 1887 e precedida do respectivo relatorio.

Preço, 40 réis; pelo correio franco de porte a quem enviar

a sua importancia em estampilhas á LIVRARIA CRUZ COUTINHO, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.